

# Sondas: bom senso de um empresário

A origem das Casas Sondas foi em São Mateus, distrito de S. João de Meriti. Manoel Antonio Sondas, imigrante português, veio para o Brasil em 17 anos, em 1911 e em 1924 abriu o Armazém Transmontano, depois Armazém do Povo.

Em 1952, o armazém passou a ser comandado pelo seu filho Arthur Antonio Sondas, hoje um dos mais destacados empresários brasileiros. Uma figura simpática, flu-caríoca ("pôis nasci na Baía da Fluminense mas moro no Rio") e torcedor do Vasco da Gama.

Em 1960 surgiu a primeira das Casas Sondas, uma loja em São João de Meriti. Atualmente o Grupo Sondas tem 46 supermercados, três hipermercados, dois supermercados, quatro lojas de material de construção, uma central de abastecimentos, que inclui um centro de licat, além de empreendimentos na agricultura, indústria e finanças.

Entrevistamos Arthur Sondas, para quem o Censo e os dados do IBGE são fundamentais no estudo das condições ideais para viabilizar investimentos.



Foto histórica e atual. Armazém Transmontano, primeira loja do grupo Sondas.

**censo:** Qual a importância do Censo na área empresarial?

**Sondas:** É importante em todos os sentidos. Procuro o IBGE para tomar informações na abertura de uma loja. Precisamos, também, saber por exemplo, através do IBGE o número de pessoas que moram a uma distância de até 10 minutos, de

carro, para chegar ao local onde será instalada uma loja. Enfim, levantamos dados necessários para direcionar nosso investimento.

**censo:** Ainda é de seu interesse instalar novas lojas de pequeno porte?

**Sondas:** Não; agora estamos mais voltados para hipermercados. Isto não quer dizer que amanhã não ve-

nhamos a construir novos supermercados, porque o hipermercado, pela área que ocupa, não pode ser construído em qualquer lugar.

**censo:** A empresa toma informações do IBGE constantemente, ou somente por ocasião de um novo investimento?

**Sondas:** Quando surge o oferecimento de área, um novo local para construir uma loja, a gente consulta o IBGE, até antes de realizar o negócio. Fazendo o negócio retornamos ao IBGE para fazermos o planejamento de acordo com suas informações.

**censo:** Como cidadão, o que acha do Censo?

**Sondas:** Acho importante saber o que somos, classificar cada cidade, cada estado, para conhecermos as diferentes classes socio-econômicas, o perfil da população. É importante sabermos mas, é principalmente importante as autoridades saberem. Elas precisam conhecer a realidade do nosso País, ver se o povo está melhorando ou piorando.

**censo:** Já foi recenseado?

**Sondas:** Este ano ainda não, mas já tive o prazer de receber o recenseador na minha casa no Censo passado e o estou aguardando este ano, para com satisfação participar deste trabalho, uma vez que sou brasileiro. Como cidadão desta terra preciso dar a minha contribuição. A minha filosofia, como na minha empresa, é colaborar sempre.

Regina Mac-Cord

<b>Distrito de Registro</b> Pernambuco - Colina de São João	<b>Distrito de Gravataia</b> Rio de Janeiro - Ilha de São João	<b>Distrito de Itaipava</b> Rio de Janeiro - Serra da Gramma	<b>Distrito de Itaipava</b> Rio de Janeiro - Serra da Gramma
<b>Distrito de Itaipava</b> Rio de Janeiro - Serra da Gramma	<b>Distrito de Itaipava</b> Rio de Janeiro - Serra da Gramma	<b>Distrito de Itaipava</b> Rio de Janeiro - Serra da Gramma	<b>Distrito de Itaipava</b> Rio de Janeiro - Serra da Gramma
<b>Distrito de Itaipava</b> Rio de Janeiro - Serra da Gramma	<b>Distrito de Itaipava</b> Rio de Janeiro - Serra da Gramma	<b>Distrito de Itaipava</b> Rio de Janeiro - Serra da Gramma	<b>Distrito de Itaipava</b> Rio de Janeiro - Serra da Gramma
<b>Distrito de Itaipava</b> Rio de Janeiro - Serra da Gramma	<b>Distrito de Itaipava</b> Rio de Janeiro - Serra da Gramma	<b>Distrito de Itaipava</b> Rio de Janeiro - Serra da Gramma	<b>Distrito de Itaipava</b> Rio de Janeiro - Serra da Gramma

Coleção  
IBEGEANA

IBGE - CDDI/DEDOC  
REDE DE BIBLIOTECA

# censo

Rio de Janeiro, segunda-feira, 28 de outubro de 1991 • Ano I • nº 8 • IBGE

## Brasil mostra a sua cara

*"O corpo é sombra, é transitório e vai-se; a alma é luz, é permanente e fica. Minha alma ainda pertence ao Brasil"*

**De ônibus em ônibus**

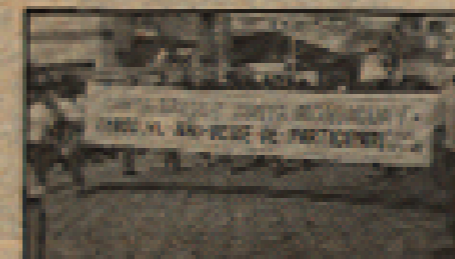
Sem poder contar com o apoio da prefeitura de Manaus, o chefe do setor de divulgação do IBGE da Amazônia, Nereu José Pascho, resolveu trabalhar por conta própria. Após criar 300 cartazes do Sincenso de Transportes da Amazônia e não ver um deles sequer afixado nos ônibus, Pascho resolveu fazer a divulgação pessoalmente, diariamente de via, de ônibus em ônibus, distribuído cartazes de campanha. A prefeitura de Manaus afirma que no momento não pode colaborar na divulgação do Censo porque está enfrentando um problema sério de saneamento na cidade. "Se eles não se importam com o Censo, eu me importo" - afirma Pascho.

**Somos musicais?**

O herói Paulo Fortes, que tem choro em as plaquetas do Teozzo Rival, no Rio de Janeiro, cantando serenata, reclama que o povo brasileiro perdeu sua musicalidade "no meu tempo de jovem as pessoas cantavam para vender verduras, peixes e verduras nas ruas, e à noite, grupos iam pela cidade de jongo de alguma coisa fazer uma serenata. Essa musicalidade acabou." "Eu quero que o Censo mostre como somos, descubra o que somos. Não interessa tanto assim saber quantos somos, o que interessa é saber o que somos. A por da quantidade de gente que existe no país, temos que saber da qualidade dessa gente. Somos bons? Somos ruins? Não sei. Não acho que o Brasil esteja melhorando. Por isso gostaria muito que o Censo mostrasse realmente quem somos nós."

**Conta, Brasil**

No dia 7 de setembro, os estudantes de Mjengajá, município do interior de São Paulo, desfilarão com faixas almejando o Censo 91.



Mais de um milhão de crianças desnutridas, no Brasil. Sem universidade, até quando?

Pascho "se-guia" "casa" um recenseador a fim de recensear-me. Mas não deu. Describia ele meu tristado que meu domicílio não se enquadrava em nenhum item da espécie. Não é permanente, pois é transitório; seria improvisado se o belho do sol ou o luar fosse considerado como tal. Que pena, também não é coletivo, pois vivo só.

Que espanto do recenseador quando encontrou-me no meu domicílio solitário, querendo recensear-me. Olhou-me solidário quando disse-lhe que não tinha documentos, pois nunca tive oportunidade nem condições de tirá-los.

Ao indagar-me a idade, olhou-me cabizbato o recenseador. Num tom de condescensão respondeu-lhe que menor abandonado não tem aniversário. Como eu poderia sabê-lo, então? E ele se foi.

Depois passou por mim outro recenseador e não me viu. Passam todos por mim e não me vêem. Os que conseguem ver-me, não me reconhecem pois o meu rótulo (com o qual me agraciaram) é Manchado. Sou quase invisível. Sou malfitebo e indigente e o Brasil não vai ficar com a minha cara.

Sandra Ribeiro, outubro/1991

Sandra Ribeiro, Supervisora do IBGE, no Maranhão, colheu e registrou um dos depoimentos mais pungentes do Censo 91. Somando-se a outras experiências também registradas pelos nossos recenseadores - e ao apaixonado e belo estilo da autora - surgem os traços fortes de um brasileiro que deseja ser reconhecido na sua cidadania. A força do texto impôs-se a esta primeira página e o reproduzimos na íntegra.

# Pomeranos : "Vi sien brasilieinen" (nós somos brasileiros)

No Espírito Santo, o IBGE está se valendo de intérprete para realizar o Censo numa das mais antigas comunidades de imigrantes do País - os pomeranos, que habitam o centro-sul do Estado, cobrindo áreas que se estendem por Santa Maria do Jetibá, Itarana, Laranja da Terra e outras, daquelas regiões montanhosas e frias.

Os pomeranos vieram para o Brasil ali pela metade do século XIX, atraídos pelos incentivos que, na época, o Governo oferecia aos imigrantes. Com o fim de seu país natal, cujas terras foram divididas pelos aliados da Segunda Guerra Mundial, os pomeranos, um povo pacífico de agricultores tradicionais, espalharam-se pelo mundo.

*"Excelentes agricultores, os pomeranos trouxeram para o Brasil técnicas antigas de cultivo da terra"*

Hoje em dia, os descendentes brasileiros mal falam o português. Muitos deles nem mesmo o falam. O recenseamento, então, está sendo realizado por um descendente pomerano, Maurício Stage, que conhece bem o dialeto e os costumes da região.

Muito fechados ao contato com estranhos, dificilmente os pomeranos receberiam com tranquilidade um recenseador não ligado à sua comunidade. As famílias pomeranas são grandes, em média cinco filhos por casal, e todos envolvidos na atividade agrícola, que é a base de sua economia.

*País de dimensões continentais, o Brasil é uma terra de muitas nações e de variadas linguagens. Há a língua portuguesa, oficial e nacional. Há os índios com seus falares. Há os grupos fechados de imigrantes, com seus dialetos. Para alcançar esses brasileiros singulares, o Censo tem recenseadores intérpretes. É o caso dos pomeranos do Espírito Santo.*



Comunidade do Pomer, o núcleo dos Pomeranos ainda sobrevive, apesar dos circunscritos, no Espírito Santo, com Maurício Stage (IBGE) e Carlos de Souza (IBGE) de seu povo.

Eu um dia estive lá

No ano de 1976, eu descobri e revelei, através do Jornal do Brasil, o extraordinário universo dos pomeranos do Espírito Santo. Era um mundo de silício e verdes profundos, que se estendia pelas serras do Vale do Camã e Taboas, e pelas florestas de Santa Maria do Jetibá e Luxemburgo, na região central do Estado.

Naquela época, os mananciais do Rio Santa Maria ainda não haviam sido assanados pela fúria dos madeireiros. Aquela povoação, pela alma, dono de uma rica tradição oral e de uma língua não-escrita - o pomerany - capaz de associar as asperidades dos climas germânicos à doce sonoridade das línguas celtas, migrante de uma terra que acabou os Pomeranos, aqui viveu cultivando flores, hortas e legumes - base da sua pequena economia.

*"Um povo com grande capacidade de trabalho, alegre, festeiro e que tem no casamento sua festa máxima"*

Ao sair à noite, o mundo pomerano era iluminado pelas serra antigas de concertinas seculares e pelos cantos solenes das famílias, lembrando cantigas folclóricas cuja origem mergulha vão no tempo.

Durante mais de três meses convivi com os pomeranos e foi uma das mais fortes experiências de minha vida. Hoje, veterano jornalista com muita estrada sob os pés e muita história pra contar, ainda me surpreendo emocionalmente, ao receber notícias das terras pomeranas captaivas, trazidas pelo povo recenseador.

E me emociono mais ainda quando escuto as vozes daquela gente viva, tão apreendida pela devastação ecológica, repetir nas suas línguas de sonoridades eslavas: "Vi sien brasilieinen" (nós somos brasileiros).

Lena Faria